



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

11º ANO

Maio de 2009

### Num bairro moderno

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes  
Matizam uma casa apalaçada;  
Pelos jardins estancam-se as nascentes,  
E fere a vista, com brancuras quentes,  
A larga rua macadamizada.

*Rez-de-chaussée* repousam sossegados,  
Abriram-se, nalguns, as persianas,  
E dum ou doutro, em quartos estucados,  
Ou entre a rama dos papéis pintados,  
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,  
E a sua vida fácil! Eu descia,  
Sem muita pressa, para o meu emprego,  
Aonde agora quase sempre chego  
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,  
Notei de costas uma rapariga,  
Que no xadrez marmóreo duma escada,  
Como um retalho de horta aglomerada,  
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:  
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;  
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,  
Se ela se curva, esguedelhada, feia,  
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:  
“Se te convém, despacha; não converses.  
Eu não dou mais.” E muito descansado,  
Atira um cobre lívido, oxidado,  
Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente – que visão de artista! –  
Se eu transformasse os simples vegetais,  
À luz do sol, o intenso colorista,  
Num ser humano que se mova e exista  
Cheio de belas proporções carnaís?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;  
Com o cabaz às costas, e vergando,  
Sobem padeiros, claros de farinha;  
E às portas, uma ou outra campainha  
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,  
Um novo corpo orgânico, aos bocados.  
Achava os tons e as formas. Descobria  
Uma cabeça numa melancia,  
E nuns repolhos seios injectados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,  
Negras e unidas, entre verdes folhos,  
São tranças dum cabelo que se ajeite;  
E os nabos – ossos nus, da cor do leite,  
E os cachos de uvas – os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante  
Nas posições de certos frutos. E entre  
As hortaliças, túmido, fragrante,  
Como dalguém que tudo aquilo jante,  
Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,  
Vi nos legumes carnes tentadoras,  
Sangue na ginja vívida, escarlata,  
Bons corações pulsando no tomate  
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O Sol dourava o céu. E a regateira,  
Como vendera a sua fresca alface  
E dera o ramo de hortelã que cheira,  
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:  
“Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...”

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;  
E, pelas duas asas a quebrar,  
Nós levantámos todo aquele peso  
Que ao chão de pedra resistia preso,  
Com um enorme esforço muscular.

“Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!”  
E recebi, naquela despedida,  
As forças, a alegria, a plenitude,  
Que brotam dum excesso de virtude  
Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,  
E ao longe rodam umas carruagens,  
A pobre afasta-se, ao calor de Agosto,  
Descolorida nas maçãs do rosto,  
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira  
Duma janela azul; e, com o ralo  
Do regador, parece que joca  
Ou que borrija estrelas; e a poeira  
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,  
Oíço um canário – que infantil chilrada! –  
Lidam *ménages* entre as gelosias,  
E o sol estende, pelas frontarias,  
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,  
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,  
Duma desgraça alegre que me incita,  
Ela apregoa, magra, enfezadita,  
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,  
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,  
Carregam sobre a pobre caminhante,  
Sobre a verdura rústica, abundante,  
Duas frugais abóboras carneiras.

(1877)

### Grupo I

Depois de teres lido e estudado este poema responde com atenção às seguintes questões:

1. Identifica o **estado de espírito** do sujeito poético. Não esqueças de justificar as tuas afirmações com exemplos do poema.
2. Descreve o **cenário real** que origina a “visão de artista”.
3. “Atira um cobre livido, oxidado,  
Que vem bater nas faces duns alperces.” (sexta estrofe)
  - 3.1. Interpreta o **valor expressivo das metáforas** presentes nestes versos, enquanto símbolos da relação cidade/campo.
4. Este poema é um quadro verdadeiramente impressionista.
  - 4.1. Justifica, salientando **elementos de cor e de luminosidade**.
  - 4.2. Salienta, ainda, alguns exemplos de **sensações auditivas e olfativas**.
5. Predominam neste poema alguns **recursos estilísticos**. Aponta **quatro** e explicita o seu uso.

### GRUPO II

1. Classifica **morfologicamente** as seguintes palavras:
  - marmóreo (estrofe 4)
  - pendurando (estrofe 5)
  - transformasse (estrofe 7)
  - tranças (estrofe 10)
  - seus (estrofe 18)
2. Classifica as seguintes palavras quanto ao seu **processo de formação**:
  - repousam (estrofe 2)
  - ajoelhando (estrofe 4)
3. Reescreve toda a 1ª estrofe do poema colocando agora os verbos no **futuro do indicativo**.

### GRUPO III

Deves assinalar na folha do teu teste a opção escolhida.

#### **TEMA A**

Num **texto expositivo-argumentativo** bem estruturado (entre 85 e 150 palavras), manifesta a tua perspectiva de leitor relativamente à seguinte afirmação:

*A função da personagem Carlos da Maia é fundamental na construção da crónica de costumes de “Os Maias”.*

**OU**

#### **TEMA B**

Num **texto expositivo-argumentativo** bem estruturado (entre 85 e 150 palavras), recorda um episódio estudado, apresentando a tua perspectiva crítica de leitor de “Os Maias”, mostrando a forma como Eça de Queirós pretendeu retratar a sociedade burguesa lisboeta do seu tempo.

**FIM**